

UM

SOBREVOO

PELA ARTE DO

FAZER-VER

Sabrina Moura¹

¹ Atriz e professora da Cia Carona de Teatro.

A menina She-Ra

Com cabelo curto e volumoso, vestida com maiô azul escuro e uma toalha amarrada como capa, espada e escudo de plástico em mãos, montada num cavalo de cabo de vassoura e a cabeça de tecido vermelha, a menina She-Ra transitava pelas ruas de chão batido, da cidade de Gaspar, Santa Catarina. Ora descalça, ora de bota branca, ora com esse figurino de heroína, ora com qualquer roupa e calçado. Por vezes,

seu cavalo se transformava em bicicleta. Era década de 1980, e a pequena guerreira gostava de esperar a mãe Rosa chegar da fábrica escondida atrás das moitas, surpreendendo-a com seus aparecimentos repentinos. Nesses encontros, havia outras mulheres operárias que acompanhavam a mãe Rosa. Após o susto, um abraço, risadas, e lá corria à frente a menina She-Ra que lutava com as desavenças da sua imaginação, protegendo as trabalhadoras que caminhavam para suas casas. Mal sabiam elas dos perigos que, muitas vezes, foram salvas. A criança She-Ra adorava criar e contar histórias. Brincava sozinha de transpor as nuvens para o papel. Contracenava com a imagem da Nossa Senhora de Aparecida. Não tinha problemas em

brincar só, mas gostava mesmo era de um ajuntamento. Falava muito, com ela mesma, com suas/seus amigas/os imaginárias/os e, quando tinha a oportunidade, com as outras pessoas, crianças e adultos. Imaginava muito e, quando percebia, suas prosas estavam recheadas de mentiras, mas a criança She-Ra acreditava tanto que não sentia remorso. O **corpo** inteiro vibrava quentinho com as imagens transbordando em palavras nas suas confabulações. Não poderia ser isso coisa ruim. Nas brincadeiras de faz de conta com outras crianças, assumia outras personagens, não entendia o porquê, mas seu corpo também mudava de temperatura, aquecia, acelerava. Sentia uma **sensação** ainda mais gostosa quando sua imaginação

ganhava corpo. Também vibrava quando se juntavam, na rua, as crianças da vizinhança para jogar quilica (bola de gude), pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão. A criança She-Ra subiu em árvore, correu, suou, fedeu, machucou, chorou, gargalhou. Além da heroína do desenho animado, idolatrava a Xuxa e assistia a novelas. Essas experiências foram os seus livros. A menina She-Ra sabia que queria ser atriz desde muito pequena, mas, quando a perguntavam o que seria quando crescesse, respondia: “Médica”.

A mãe Rosa

Mãe Rosa praticamente não teve infância. Trabalhou de babá e empregada doméstica desde muito cedo. Estudou até o quarto ano do primário, passou dias de fome. Casou-se com 16 anos com o pai Pedro. Trabalhava na fábrica no turno da manhã, foi costureira e encarregada. Foi vendedora também. Sacoleira. Vendia joias e lingerie. Achava a fábrica uma prisão, sofria em trabalhar presa, com hora marcada. Gostava de vender no seu tempo. Depois de mais de 20 anos trabalhando concomitantemente no chão de fábrica e como vendedora, optou apenas por vender. Andava nas ruas de chão batido de salto alto, vestia geralmente roupas e acessórios com apenas duas cores. Não misturava tecidos estampados e listrados. Fazia as vestimentas na

costureira, e a compra dos tecidos era um evento. Sua boca e suas unhas eram pintadas na cor vermelha. Ora cheirava a maquiagem, ora a água sanitária. Era amável e brava na mesma medida, mas, na maioria das vezes, seu humor transitava nas extremidades. Procurou dar as suas três filhas o que não teve: liberdade. Dizia: “Não tem coisa mais triste do que fazer aquilo que não gosta”. A menina She-Ra era a filha casula temporã da mãe Rosa. Ela foi a primeira **espectadora** da pequena guerreira. Tem prazer até hoje de contar o dia que entrou no seu quarto e encontrou a criança She-Ra aos prantos conversando com a imagem da Nossa Senhora da Aparecida. Inicialmente, ficou preocupada, achou que fosse verdade, mas, quando a menina She-Ra falou meio sem graça, com os olhos

cheios de lágrimas que estava brincando, ela soltou uma gargalhada. Abraçaram-se rindo e aliviadas – mãe Rosa aliviada da preocupação, e a criança She-Ra, da energia dramática que estava despendendo naquela brincadeira.

Sobre o que nos compõe

Esses fios de memórias me constituem, povoam meu **imaginário** e permeiam meus inventos artísticos como integrante da Cia Carona de Teatro. A menina She-Ra e a mãe Rosa tecem minhas criações como atriz,

professora e espectadora. Talvez a pequena guerreira e a sua mãe tenham suscitado em você, leitora/or, algumas das suas memórias, imagens, sensações, e, a partir desse encontro entre o que eu escrevi e o que você leu, provavelmente nasceu uma nova menina She-Ra, uma outra mãe Rosa, outros desenhos de corpos e cenários, criados por você. Nessa mesma direção, também procuram se movimentar os processos artístico-pedagógicos na Carona Escola de Teatro. Nossas **criações** são compostas a partir de um jogo colaborativo, que busca dar espaço para as singularidades do que cada corpo carrega, friccionando as múltiplas experiências pessoais, compreendendo cada pessoa envolvida como criadora do espetáculo. Com a criação da

Revista Carona, estamos nos lançando também a proporcionar encontros intermediados pelas palavras. Entretanto, meu corpo já esteve inteiro aqui, elaborando essa escrita, respirando verbos, tateando termos. Quando você estiver lendo esses escritos, somos presença. Nós existimos juntas, agora, em um espaço virtual. Eu, você, suas **memórias**, a sua menina She-Ra, a mãe Rosa, suas elaborações sobre esse texto, fazemo-nos presentes por meio da sua leitura. Estamos vivenciando um **processo colaborativo**, sem você leitora/or, sem seu ato de leitura – único, singular e intrasferível – esse

² ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

momento não existiria.² E assim também acontece no teatro. Sem a participação da/o espectadora/or, sem a leitura da escrita cênica, o evento não acontece. No caso da arte teatral, os corpos estão implicados no mesmo espaço físico, e, enquanto atrizes e atores buscam dar **organicidade** ao conjunto de ações selecionadas a partir de um processo criativo, cada pessoa que compõe a plateia no momento da apresentação inicia o seu próprio processo de criação. Da mesma maneira que as/os artistas propositoras/es perpassam por suas pessoalidades para criar o espetáculo, as/os receptoras/es também o fazem. Dessa maneira, podemos compreender

³ DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral**. São Paulo: Hucitec, 2012.

como artistas tanto aquela/e que faz como aquela/e que vê o espetáculo.³ Essa compreensão tem seus primeiros movimentos no teatro épico de Bertold Brecht, em que a participação da/o espectadora/or passa a ser compreendida como um ato artístico e autoral⁴. Na contemporaneidade, a zona fronteira entre produção e recepção tem ganhado contornos mais estreitos, a atuação não corresponde mais a uma ação exclusiva das/os atrizes/atores, pois entende-se que “*o espectador também age [...]. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio*

⁴ DESGRANGES, Flávio. *Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação de Público. Urdimento – Revista de Estudos em Artes cênicas*, Florianópolis, n. 10, p. 75-83, 2008.

*poema com os elementos do poema que tem diante de si*⁵. Contudo, essa disponibilidade da espectadora/or para *traduzir à sua maneira o que percebe* não pode ser compreendida como um talento natural, mas, sim, uma **conquista cultural**.⁶ Confesso leitora/or que a menina She-Ra foi uma das grandes propulsoras para que hoje eu e você estivéssemos aqui trocando essas palavras, desdobrando sobre o teatro e a arte da/o espectadora/or, mas a pequena guerreira encantou-se, antes de tudo, pelo fazer. Montada no cavalo Ventania alçou voo pelo mundo da arte e, conforme foi se apropriando da linguagem teatral e suas múltiplas possibilidades, descobriu o interesse, o

⁵ RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Beneditti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

prazer e a **disponibilidade** para ver teatro. As participações em processos de montagens, oficinas de teatro, festivais, a formação acadêmica, transformaram a menina She-Ra na artista de hoje. Artista propositora e artista receptora. Esse voo que também me alçou à docência tem me possibilitado presenciar movimentos semelhantes ao meu, pessoas que, ao entrarem em contato com o fazer teatral, encontram o prazer em ver espetáculos. Na Carona Escola, os procedimentos, muitas vezes vivenciados apenas pelas atrizes/atores da companhia, passam a ser partilhados com as pessoas que não têm necessariamente pretensões de seguir

⁶ DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral**. São Paulo: Hucitec, 2012.

uma carreira como artista propositora, mas acabam expandindo suas possibilidades como artista receptora/or. Nos processos artístico-pedagógicos, partilhamos memórias, impressões, afetos, imagens, damos sentido e traduzimos as cenas criadas pelas/os participantes, jogando com as possibilidades da **produção** e da **recepção**. Essa dinâmica movida pela troca em elaborar proposições e leituras artísticas abre possibilidades para que as pessoas envolvidas se tornem conscientes da sua participação artística como leitoras da escrita cênica, podendo desenvolver sua autonomia crítica e criativa. O que acaba se configurando como um território fértil

para identificar “[...] *o poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o torna semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra*”⁷. Assim, a Carona Escola pode ser compreendida como um espaço de formação artística de produtoras/es e receptoras/es do **jogo** teatral. Formação não no sentido de “fôrma”, mas de dar movimentos às ações. Para Brecht, democratizar os meios de produção era justamente um caminho para dinamizar a relação entre o espetáculo e a/o receptora/or.⁸ Nesse sentido, parece-me essencial ter uma

⁷ RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Beneditti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

prática artística afinada aos princípios das artes da cena na contemporaneidade, que assumam um caráter **dialógico**, colaborativo, crítico, que se proponham a abrir espaços de escuta e de criação para as/os artistas propositoras/es e receptoras/es. E isso eu encontrei na Cia Carona de Teatro desde que pousei o cavalo Ventania por aqui! Minhas vivências como artista e professora, juntamente a esse coletivo, me oportunizaram sentir a menina She-Ra que habitava (habita) em mim. Pude perceber também sua/minha plasticidade eurocêntrica, sua/minha performatividade cis-heteronormativa, sua/minha branquitude, seu/meu

⁸ DESGRANGES, Flávio. Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação de Público. **Urdimento** – Revista

contexto patriarcal e que, apesar de pertencer a uma família da classe operária, também goza de privilégios. Transitar como docente na Carona Escola de **Teatro** tem me proporcionado perceber que, além de mim, muitas outras pessoas partilham dessa tomada gradativa de consciência, engajando-se em uma luta constante para descolonizar o imaginário e expandir sua leitura de mundo, tornando-se artistas propositoras/es e/ou espectadoras/es. Todo esse movimento de **fazer-ver** teatro nos move como artistas. Antes de encaminhar nosso encontro entre palavras para o fim, leitora/or, evoco aqui a mãe Rosa, a primeira

de Estudos em Artes cênicas, Florianópolis, n. 10, p. 75-83, 2008.

espectadora da menina She-Ra, que não teve as mesmas oportunidades da pequena guerreira. A narrativa da mãe Rosa, ainda hoje, pode representar grande parte da população brasileira. A falta de polícias públicas e o descaso com as áreas da cultura e da educação fazem com que as mães Rosas do Brasil de 2021 estejam muito longe de ter seus direitos de acesso à arte garantido. Assim, em meio ao retrocesso que o país atravessa, fruto das consequências de um golpe frente à democracia, liderado e sustentado por uma onda conservadora de extrema direita, para nós da Cia Carona a prática de fazer-ver na Carona Escola de Teatro corresponde a nossa luta de (re)existir juntas.